

# FLORES JÁ CHEGARAM AO SAMBÓDROMO

Carlos Eduardo 17.6.96

De volta à oficina, todo o material orgânico recolhido é separado e tratado. Cada um de um modo próprio. “A folha-moeda é desidratada, como a da magnólia”, ensina silvino. A desidratação é feita num tambor de soda. Se for a frio, as folhas ficam dois dias submersas ali. A quente, duas horas de fervura são suficientes para que sobrem apenas as nervuras da planta, revelando uma intrincada arquitetura natural. Depois disso, vai ao cloro para clarear.

Barba-de-bode e capim caboclo são herbáceas exuberantes. Submetidas à secagem em estufa e pintados, tornam-se espanadores coloridos — material que já conquistou até o Sambódromo do Rio de Janeiro em criações do carnavalesco Joãozinho Trinta.

O tingui e a papoulinha, são sementes com abas de material semelhante ao papel de seda em aparência e textura. São tiradas de castanhas de arbustos das matas do cerrado. O pirex, o palimpalan e o amarelão, cavados no centro de cada uma, fazem as vezes de pistilos. Essas não levam nenhuma tinta.

Feixes de cipós e hastes dos cachos de coqueiros secos em estufa; avencas e samambaias das margens de córregos desidratadas e pintadas de cores diversas; musgos tratados com soda cáustica e corantes e palhas de milho seca completam os estoques para a produção dos arranjos florais. “O cerrado é 100% rico, é só saber aproveitar”, define o artesão.

## LEMBRANÇA DE BRASÍLIA

A Gerência de Fomento ao Artesanado da Secretaria do Trabalho pretende revitalizar a atividade



*As flores são colhidas e depois tratadas pelos artesãos*

dos artesãos. “As flores do Cerrado são cartão de visita da cidade”, afirma a gerente Divina Barros de Souza. Por isso, os 58 artesãos cadastrados se reúnem para discutir opções de preservação, qualidade do produto e mercado. Em breve os arranjos e feixes de flores do planalto terão embalagem e etiquetas especiais indicando a origem do produto e facilitando o

transporte para os turistas.

A medida agrada a quem vive das flores. A artesã Maria Dalva de Oliveira, 47 anos, criou família de sete filhos com folhas, galhos e flores secas. Desde 1970 secando, pintando e amarrando os arranjos, tem orgulho de contar sua história. “Tenho filho que se formou graças às flores”, diz. “Já apaguei até fogo no Cerrado para proteger as plantas”, conta.

Até Esmeralda, a filha mais nova, aos 7 anos, ajuda na produção. Depois que a mãe amarra com linha as pétalas de folhas-moe-

das nos pistilos de amarelão, firmados com arame, ela enrola os “galhos” em fitas de papel crepom verde, dando acabamento à flor.

“Eu amo as flores, delas é que construí minha vida”, declara. “- Vim de Minas para cá sem nada. Hoje tenho casa e uma chácara, uma vitória muito grande que devo a elas”, declara.